



Como as línguas nascem e morrem? O que são famílias lingüísticas?

As línguas não são eternas. Pelo contrário, elas morrem enquanto outras nascem e se multiplicam. Mas será que todas as línguas possuem a mesma origem? Descubra no texto de Ataliba de Castilho.

Ataliba T. de Castilho (USP, CNPq)

No texto “O que se entende por língua e linguagem”, aprendemos que há várias interpretações sobre o que são as línguas, e que elas integram os seguintes conjuntos:

- Léxico: a língua é um conjunto de palavras;
- Semântica: a língua é um conjunto de significados;
- Discurso: a língua é um conjunto de textos;
- Gramática: a língua é um conjunto de estruturas, a saber, as estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas.

Quando você fala, você ativa características provenientes de todos esses conjuntos. E você faz isso ao mesmo tempo!

E vimos também que as línguas devem ser estudadas a partir de pontos de vista previamente selecionados, pois suas características não são evidentes por si mesmas.

Neste texto vamos atacar outra questão, muito comumente apresentada, e que diz respeito ao nascimento e à morte das línguas.

Índice:

1. Como teriam surgido as línguas do mundo?
2. As línguas do mundo derivam de uma só língua?
3. O nosso caso: o Indoeuropeu e o Latim como os antepassados do Português
4. Os indoeuropeus e o Latim: Roma e panorama lingüístico da Península Itálica a partir de 2.000 a.C.
5. Mas como era mesmo o Latim?
6. As línguas morrem?
7. Bibliografia para aprofundamento
8. Glossário



1. Como teriam surgido as línguas do mundo?

Não se sabe exatamente como surgiram as línguas do mundo. Primeiramente, acreditava-se na hipótese monogenética, segundo a qual todas as línguas derivavam do hebraico, que teria dado origem às línguas hoje conhecidas depois do episódio da Torre de Babel. Essa crença se baseia no que vem na Bíblia.

Com o avanço da descrição das línguas, viu-se que a hipótese monogenética não podia ser confirmada, dada a grande diferença entre as estruturas das línguas que iam sendo melhor conhecidas.

Os linguistas logo se deram conta de que, antes de responder a essas questões, seria necessário continuar descrevendo e comparando as línguas, tendo por objetivo (1) identificar as grandes famílias lingüísticas que ressaltariam das comparações entre umas e outras, (2) descrever as “línguas-filha”, e (3) estabelecer as tipologias lingüísticas. Com isso, o lance da origem das línguas foi congelado por algum tempo, dada a dificuldade de oferecer uma resposta cientificamente aceitável. Pelo menos por ora.

E como no mundo atual há pelo menos 6.000 línguas em uso, você pode compreender como essa tarefa é difícil.

2. As línguas do mundo derivam de uma só língua?

As descrições já feitas permitiram identificar as seguintes famílias lingüísticas:

1. Línguas Indoeuropéias, a maior e a mais falada das famílias lingüísticas.
2. Línguas Camito-semíticas: línguas etiópicas, árabe, aramaico, copta, berbere, hebraico, cuchítico, etc.
3. Línguas Uralo-altaicas: ugro-finlandês (finlandês, este, lapão, magiar), turco-mongol (turco, mongol), samoiedo, tungúsio.
4. Línguas Niger-congo (África).



5. Línguas Banto (África).
6. Línguas Nilo-saarianas (África).
7. Línguas Khoïn: bosquímano, hotentote (África).
8. Línguas Caucásicas: georgiano, mingrelí, etc.
9. Línguas Malaio-polinésias e Melanésias: indonésio, malgaxe, etc.
10. Línguas da Ásia: línguas dravídicas (tâmul), línguas munda, línguas tai (laociano, siamês, vietnamita), chinês, línguas mon-khmer (cambodjano), línguas tibeto-birmanesas, aino, coreano, japonês.
11. Línguas do filo* Ártico americano-paleossiberiano (esquimó, etc.),
12. Línguas do filo Na-Dene (línguas entre outras dos índios Apache e Navaho)
13. Línguas do filo Macro-Algonquino (línguas do Canadá e do norte dos Estados Unidos)
14. Línguas do filo Macro-Sioux
15. Línguas do filo Hoka (línguas da Califórnia e do México)
16. Línguas do filo Penuti (famílias Mixe-Zoque, Totonaca, Maia, entre outras)
17. Línguas do filo Azteca-Tano (entre outras, o Náutl Clássico)
18. Línguas do filo Oto-Mangue (línguas do México e da América Central)
19. Filo Macro-Chibcha (línguas da América Central e Norte do Brasil)
20. Línguas do macrofilo Jê-Pano-Karib, que inclui o Filo Macro-Jê no Brasil
21. Línguas do macrofilo Andino Equatorial (quêchua, aimara, faladas na Bolívia, Equador e Peru – línguas faladas por milhões de indivíduos), Tukano, Katukina, Tupi, entre outras.

A língua portuguesa pertence à família do Indoeuropeu, porém houve outros lances nessa família, e com isso não se pode dizer que o Indoeuropeu deu origem diretamente ao Português. Entre uma e outra, tivemos o Latim.

3. O nosso caso: o Indoeuropeu e o Latim como os antepassados do Português

O surgimento da língua portuguesa no Noroeste da Península Ibérica e seu transplante para o Brasil tem tudo a ver com duas famílias linguísticas: o Indoeuropeu e o Latim.

Como você verá a seguir, nossa história se entronca em outras histórias, que, bem feitas as cointas, já chegam aos 6.000 anos!



Vamos então nos meter em assuntos de duas famílias, a indoeuropéia e a latina, de que resultou a língua portuguesa. Leia o quadro abaixo, em que tudo isso vem resumido.

Antepassados da Língua Portuguesa e do Português Brasileiro

1) O INDOEUROPEU E O LATIM	2) O LATIM E O PORTUGUÊS EUROPEU	3) O PORTUGUÊS BRASILEIRO
No passado distante da Língua Portuguesa, interessam as grandes migrações dos povos indoeuropeus, que se deslocaram do norte do Mar Negro em direção às planícies do Danúbio, entre 4000 e 3500 antes de Cristo. Parte desses migrantes se concentraram no centro da Itália, na região do Lácio, onde se desenvolveu a língua latina por volta de 700 antes de Cristo.	No passado um pouco mais próximo, localiza-se na construção do Império Romano. Após consolidada a posse da Itália, os romanos expandem-se pela bacia do Mediterrâneo, ocupando entre outras localidades a cidade de Cartago, atualmente Túnis, na costa africana, o que aconteceu por volta de 146 a. C. Como consequência da conquista de Cartago, suas antigas possessões caem logo depois em mãos dos romanos, entre as quais se situa parte da Península Ibérica. Roma divide o território ibérico, agora denominado Hispânia, em duas províncias: a Hispânia Citerior e a Hispânia Ulterior. Vai interessar-nos mais a Hispânia Ulterior, pois nela surgiria o Galego- Português, no séc. XII.	No passado próximo, o Português Brasileiro resultou das grandes navegações empreendidas pelos portugueses a partir do séc. XV, inicialmente rodeando a costa africana, até chegarem ao Brasil, no séc. XVI. Repete-se portanto a história: os indoeuropeus migraram para a atual Itália provavelmente no ano 2.000 antes de Cristo, em consequência do que surgiu o Latim, por volta do ano 700 a.C. Os romanos promovem migrações para a Península Ibérica, que ocupam por volta de 150 a. C., trazendo o Latim. O Latim se transforma ali entre outras línguas no Português, no séc. XIII depois de Cristo, o qual é trazido para o Brasil a partir de 1530, já com 400 anos nas costas.

Vejamos a história dessas famílias linguísticas.

Entende-se por Indoeuropeu um conjunto de línguas, aparentemente faladas seis mil anos atrás, portanto, a partir do 4.000 a.C. Seus usuários eram indivíduos ágrafos, isto é, gente que não dispunha de língua escrita. Ora, os romanos já diziam que *uerba uolant sed scripta manent* “as palavras [faladas] voam, mas as [palavras] escritas permanecem”. Como os indoeuropeus não escreviam, sua língua teria ido para o espaço se não fosse a argúcia dos comparatistas* - a primeira geração de linguistas históricos.

Não dispondo de documentos escritos nessa língua, e como as palavras faladas já voaram, os comparatistas tiveram de reconstituí-la a partir de suas “línguas-filhas”. Coisa de detetive, que sai por aí catando indícios.

Indo de filha em filha, os linguistas descobriram que o Indoeuropeu compreende atualmente 60 línguas, faladas por 1.700.000.000 indivíduos, entre nativos e não-nativos dessas línguas.

Você acha que 60 línguas é muito? Só se for “muito pouco”, pois quando os portugueses chegaram ao Brasil havia cerca de 180 línguas indígenas por aqui. Embora não houvesse mais de um bilhão de índios falando essas línguas, pelo menos em matéria de variedade os índios deram de 10 a zero nos indoeuropeus.

A consciência de que o Indoeuropeu existiu como uma grande família linguística tomou forma apenas a partir do séc. XVIII, quando principiou sua reconstituição a partir da comparação de suas línguas-filhas ainda hoje faladas no oeste da Ásia (Irã, Paquistão, Índia e Ceilão) e na Europa quase toda.

A designação Indoeuropeu abarca portanto uma vasta família de línguas, cuja difusão geográfica decorreu da onda migratória de povos asiáticos em direção à Europa. A difusão do Indoeuropeu acarretou a extinção das línguas faladas nos territórios ocupados. Duas línguas não indoeuropeias faladas na Europa escaparam da extinção: o Basco, ainda hoje falado nas Províncias Vascongadas da Espanha e na Gasconha francesa, e a família Fino-Úgrica, que compreende o finlandês, falado na Finlândia, e o húngaro, falado na Hungria.

A “descoberta” do Indoeuropeu se deu a partir do final do século XVIII, quando viajantes europeus conhecedores de Latim, Grego e Gótico (variedade do Proto germânico), ao passearem pela Índia, notaram várias semelhanças em palavras



dessas línguas e do Sânscrito, língua usada pelos sacerdotes indianos em suas celebrações religiosas. Algumas dessas “coincidências” são apresentadas a seguir:

Descobrimo o Indoeuropeu mediante a comparação de palavras

Latim	Grego	Sânscrito	Português / Inglês
Pater	Patér	Pitah	Pai / Father
Mater	Matér	Mitah	Mãe / Mother
Frater	Phratér	Bhrata	Frater(nidade) / Brother
Fero	Phéro	Bharami	(Trans)ferir / (Trans)fer

As coincidências recolhidas no quadro mostraram que essas quatro línguas eram aparentadas, e deveriam ter evoluído de uma língua comum. Novas descobertas de parentesco reforçaram a hipótese: deveria mesmo ter existido uma língua comum, anterior ao Latim, ao Grego, ao Alemão e ao Sânscrito. Essa língua comum foi denominada Indoeuropeu, uma família que compreende outras tantas famílias, listadas abaixo. Pode-se falar o que quiser do Indoeuropeu, mas não se pode deixar de reconhecer que foi uma família espantosamente fecunda! Quanto à história da Linguística, junto com a descoberta do Indoeuropeu teve início um vigoroso movimento científico, a dos comparatistas, que bolaram o método histórico-comparativo*.

Famílias do Indo-europeu

Grupo Anatólio (Ásia Menor)	Grupo Indo-Iraniano (Índia, Ceilão e Paquistão)	Armênio (sul do Cáucaso e em parte da Turquia)	Tocário (Turques-tão chinês)	Grego (Grécia, Macedônia, regiões da Ásia Menor e Chipre.	Ilírio, Albanês e Venético (partes da Itália, Albânia e região de Trieste.	Grupo Itálico (Península Itálica)	Grupo Balto-Eslavo (Europa Central)	Grupo Germânico (Europa Setentrional)	Céltico da França de Irlanda, Escócia de Man)
Hitita, Luviano, Palai-co, Lídio.	<u>Grupo Iraniano</u> (Persa, Pashto, Osseta, Curdo). <u>Grupo Índico</u> (Sânscrito, Hindi, Urdu,			Dialetos eólico, jônico, dórico e ático.		Latim, de onde derivaram as Línguas Românicas (ver Painel), Osco-Umbro	<u>Grupo Báltico</u> (Lituano, Letão, falado na Lituânia e na Letônia). <u>Grupo Eslavo</u> (Eslavo	<u>Gótico</u> , falado na Criméia <u>Escandinavo</u> (Islandês, Dinamarquês, Sueco e Norueguês),	Bretão, Galês, Irlandês, Gaélico, e Cômico



Bengalês , Panjabi, Gujarati, Marati, Nepali e Cashm- iri).							Oriental: Russo, Ucraniano e Bielo- Russo; Eslavo Occidental: Theco, Eslovaco, Polonês; Eslavo do Sul: Serbocro- ata, Esloveno e Búlgaro).	<u>Germâni- co</u> <u>Occidental</u> (Inglês, Frisão), <u>Alto</u> <u>Alemão</u> (alguns dialetos e o Iídiche, falados na Áustria, Sul da Alemanha e Suíça), <u>Baixo</u> <u>Alemão</u> (Holan- dês, Afrikaans, e dialetos do Norte da Alema- nha).
---	--	--	--	--	--	--	--	---

Desse enorme conjunto de línguas, algumas se multiplicaram, dando origem a outras línguas (como o Latim), enquanto outras permaneceram unitárias, ou se você quiser, não tiveram línguas-filhas.

Podemos simplificadamente dizer que a parte mais importante do Indoeuropeu são três grandes grupos lingüísticos: as línguas eslavas, as línguas germânicas e as línguas românicas, às quais pertencemos.

→ **Mapa** de Walter (1997): p. 23.

Vejamos agora como surgiu o Latim no meio disso tudo.

4. Os indoeuropeus e o Latim: Roma e panorama lingüístico da Península Itálica a partir de 2.000 a.C.

Os indoeuropeus invadiram o que é hoje a Itália a partir do segundo milênio antes de Cristo, ocupando uma pequena parte desse território em duas ondas migratórias



distintas: (i) os indoeuropeus que se localizaram no Lácio, e por isso foram chamados latinos, e (ii) os Oscos, que se localizaram a leste e ao sul do Lácio, e os Umbros, que ficaram no noroeste do Lácio.

Mas a Península Itálica abrigava muitos outros povos. Além dos Latinos e dos Oscos-Umbros, viviam também na Itália os Etruscos (não-indoeuropeus), os Sabélicos, os Volscos, os Lígures, os Vênetos, os Gregos e os Celtas. Destes, os Etruscos tiveram a civilização mais desenvolvida, tendo-se localizado em Tuscus, atual Toscana. Eles exerceram uma grande influência sobre os Romanos.

Roma foi fundada no séc. VIII a.C., tendo atravessado as seguintes fases históricas:

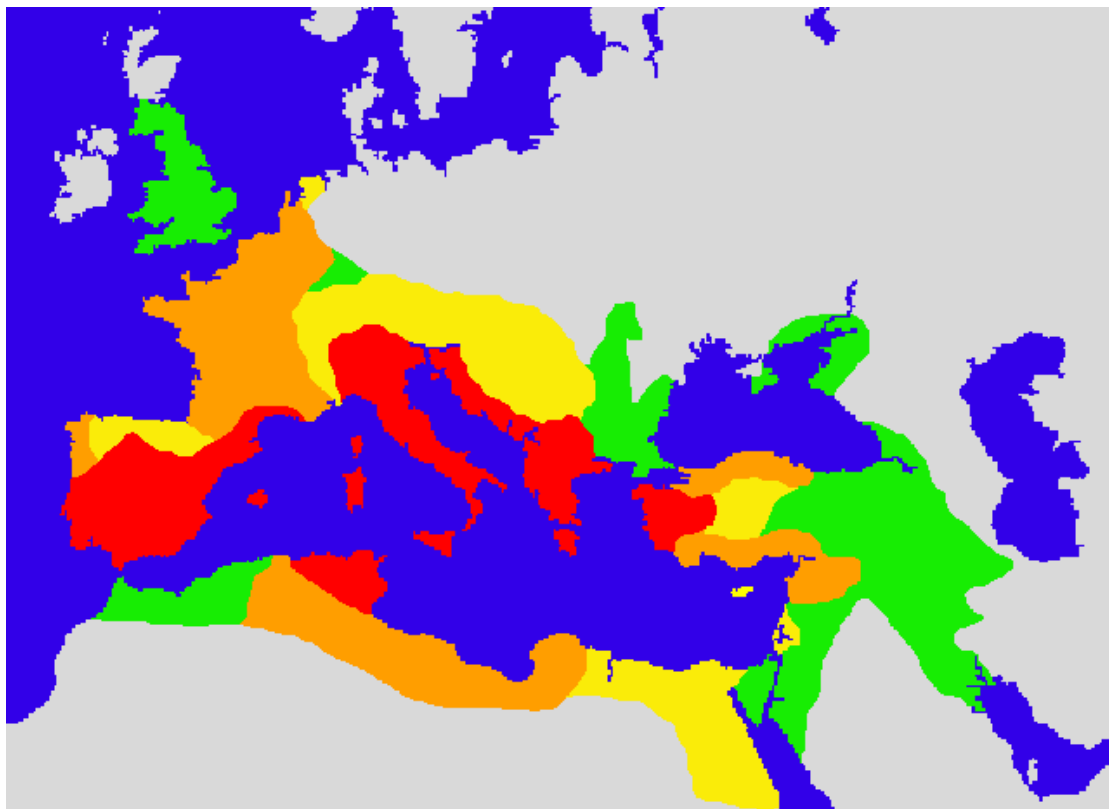
Fases históricas de Roma

ROMA ANTIGA	ROMA REPUBLICANA	ROMA IMPERIAL
A Roma Antiga, ou período da Monarquia, vai do séc. VIII a.C. a 507 a.C. A organização social compreendia as <i>Gens</i> , base do patriciado, e os plebeus e camponeses. A organização política do Estado, o <i>Imperium</i> , constava da Magistratura (formada pelo <i>Magister</i> , autoridade máxima escolhida pelas assembleias, ou comícios, pelos <i>Consules</i> , pelos <i>Pretores</i> , palavra cunhada a partir de <i>prae-itur</i> , isto é, o que vai adiante [do exército], os <i>Aediles</i> , que administravam a cidade) e do Senado (formado por cerca de 300 anciões, retirados de entre os patrícios, isto é, os <i>patres Patriae</i>). Os senadores orientavam a atividade dos magistrados através dos <i>Senatusconsulta</i> , e se assentavam diante do Magistrado, que ficava de pé.	O período da Roma Republicana se estendeu de 507 a 31 a.C. Os plebeus aumentaram seu poder em face dos patrícios, através do instituto da <i>nobilitas</i> . Aumenta a influência grega e os Romanos se afastam culturalmente dos Etruscos. Cerca de 272 a.C. o Latim se torna a língua oficial de toda a Península Itálica. Já no séc. II a.C., Cícero dizia que seus conterrâneos não entendiam mais o Latim Arcaico, que foi falado entre os sécs. VII e III a.C.	O período da Roma Imperial vai de 31 a.C. a 476 d.C., data em que se dá a queda do Império Romano. Esse período é habitualmente dividido em Alto Império e em Baixo Império. O Alto Império vai do séc. I a.C. a II d.C. Registra-se nesse período uma grande expansão do território, e Roma se transforma na maior cidade do mundo, contando 910.000 habitantes. Para sustentar o Império, torna-se necessário manter exércitos permanentes, cuja chefia é confiada ao <i>Imperator</i> , surgindo as dinastias. Mas o Senado ainda subsiste. O Baixo Império vai dos sécs. III a V d.C. É o período da anarquia militar, em que os generais dos exércitos derrubam os Imperadores. Aumentam as despesas militares, e com elas, os impostos. Para escapar ao fisco, muitas pessoas de posse deixam Roma e organizam as <i>villas</i> , propriedades rurais fortificadas e servidas pelos trabalhadores do campo, os <i>villanos</i> . Roma é cercada por 19 km. de muralhas,



e seus habitantes caem para 50.000. O Cristianismo passa a ser a religião oficial, os Germânicos (Suevos, Visigodos e Vândalos) assaltam e literalmente esvaziam Roma, descontinuando a tradição latina em seu próprio berço. Bem mais tarde, já nos albores da Idade Média, Roma renasce como sede do Papado, repovoando-se.

Como você sabe, o Império Romano foi sendo constituído pouco a pouco, primeiro ocupando a bacia mediterrânea, atingindo até as Ilhas Britânicas. Consulte o mapa seguinte, para entender como isso se deu:



Leia esse mapa assim:

- Vermelho: 133 a. C.
- Laranja: 44 a.C.
- Amarelo: 14 d. C.
- Verde: 117 d.C.



Com estas informações, poderemos agora selecionar o Grupo Itálico dentro do Indoeuropeu. Do Grupo Itálico resultou o Latim Vulgar, e deste, as Línguas Românicas, como o Português.

Grupo das Línguas Itálicas

GRUPO ITÁLICO			
Grupo Osco-Umbro	Grupo Latim-Falisco		
Osco, Umbro, Sabino (línguas extintas)	Latim		Falisco (língua extinta)
	Latim Culto (variedade extinta)	Latim Vulgar	
			Línguas Românicas

5. Mas como era mesmo o Latim?

Sendo um fato social, é natural que as línguas variem, para melhor atender às necessidades de seus usuários. Línguas são faladas por pessoas, e as pessoas são muito diferentes umas de outras. Elas diferem de acordo com sua região geográfica, classe social, sexo, idade, situação de fala. Diferem quando falam de quando escrevem. Qualquer língua, portanto, está sujeita ao fenômeno da variação, e você poderá entender melhor o lance lendo o texto de Maria Luiza Braga “O Português Brasileiro é uma língua uniforme ou é uma língua variada?”. Ora, se quisermos saber mais sobre o Latim, teremos de começar perguntando que tipo de variação foi comportada por essa língua.

Hoje em dia sabemos que a variação linguística está ligada aos seguintes fatores:

- Variação geográfica: o modo de falar uma língua aponta para sua origem geográfica. Quando duas variedades de uma mesma língua são muito distintas, a ponto de dificultar a intercomunicação, mesmo que os falantes percebam um “ar de família”, temos os dialetos*. Mas quando as variedades não impedem a comunicação, criando apenas a sensação de que seus falantes não procedem da mesma região geográfica, temos os falares. Dialetos e falares são variedades de uma mesma língua. No Brasil só há falares da língua portuguesa, diferentemente do que se passa com o Italiano, por exemplo, que é um mosaico de dialetos.

- Variação sociocultural: a classe socioeconômica do indivíduo transparece em sua fala, e com isto temos a fala não padrão* dos analfabetos, e a fala culta dos alfabetizados.
- Variação de sexo: também o sexo do falante transparece em seu modo de falar, e aqui temos a fala dos homens e a fala das mulheres.
- Variação etária: conforme você muda de idade, sua linguagem também vai mudando, e assim teremos a fala das crianças, a fala dos adolescentes e a fala dos velhos.
- Variação de estilo: dependendo da situação em que você se encontra, será selecionada uma fala formal, mais refletida, ou uma fala informal, mais à vontade.
- Variação de canal: quando nos comunicamos, podemos fazê-lo falando ou escrevendo, o que nos leva à língua escrita e à língua falada.

Pois muito bem, como todas as línguas, o Latim foi sujeito à variação, registrando-se “vários latins”, como se vê pelo seguinte diagrama, em que ficam registradas também as línguas-filhas do Latim:

Esse esquema mostra as seguintes variantes e derivações do Latim:

- Latim Arcaico (séc. VII a. C. até o séc. III a.C.). Nesse período, a sociedade romana deveria ter apresentado uma grande homogeneidade. A partir do séc. III a.C., sobretudo por causa dos contactos com os gregos, a sociedade romana se cindiu em dois grupos socioculturais: os romanos cultos e os romanos incultos.
- Latim Vulgar (séc. III a. C. até o séc. VII d.C.). O Latim Vulgar é uma continuação do Latim Arcaico. Essa variedade tecnicamente não morreu, pois foi continuada pelas línguas românicas que dela derivaram. O Latim Vulgar



era a variedade praticada pelas classes incultas do Império, sendo só falada. De todo modo, reconhece-se que ele sofreu profundas transformações entre os séculos VII e IX d.C., dando origem ao período conhecido como Romance.

- Latim Culto (séc. II a.C a V d.C.). Era a variedade praticada pelas elites romanas, apresentando-se nas formas falada e escrita. O Latim Culto escrito, utilizado na Literatura Romana, desapareceu por volta do séc. V d.C, e o Latim Culto falado morreu por volta do século VII d.C. A variedade escrita sobreviveria, ainda que sem o mesmo brilho, no (1) no Latim Medieval (séculos V a XVI d.C.), praticado nos escritórios reais, (2) no Latim Eclesiástico, praticado pela Igreja Católica e, (3) no Latim Científico, usado até o século XVIII na literatura científica. Somente a partir do séc. XVI o Latim Medieval seria substituído pelas “línguas nacionais” que tinham surgido, perdurando por mais tempo o Latim Eclesiástico.
- Romance: antes de mais nada, não estranhe o uso dessa palavra, que deriva da expressão latina *romanice loqui*, que quer dizer mais ou menos “falar num dialeto latino”, por oposição a *latine loqui*, que quer dizer “falar em Latim padrão”. Como muitas narrativas passaram a ser escritas em Romance, a palavra mudou de sentido, passando a designar as narrativas e os contos de ficção. Esse período ainda bastante obscuro deve ter durado entre os sécs. VII e IX. As enormes transformações do Latim Vulgar espalhado pelo Império foram pouco a pouco cindindo o Romance em dois ramos: o *Romance Ocidental* (de onde derivaram o Francês e o Provençal no séc. IX, o Catalão e o Castelhana no séc. XII, e o Português no séc. XII). e o *Romance Oriental* (de onde derivaram o Italiano no séc. XIII, o Romeno e o Sardo no séc. XIV). Mas atenção: datas de “nascimento” de línguas são sempre meramente aproximativas, e tomam em conta o documento escrito mais antigo já encontrado! E de vez em quando se acha outro documento. Em outros casos, como o Italiano, escolhe-se como data a publicação de alguma grande peça literária importante, como a *Divina Comédia* de Dante Alighieri.



A modalidade escrita do Latim Culto ficou conhecida como Latim Clássico, documentada na Literatura Latina. É a língua de Horácio, Ovídio, Sêneca, Cícero e tantos outros. Eis aqui uma amostra do latim culto escrito. Trata-se de um trecho do *De Bello Hispaniensi*, “A Guerra da Hispânia”, atribuído a Júlio César.

Caius Julius Caesar nasceu entre 102 e 100 a.C., filho de uma família nobre. Estudou em Roma e na Grécia, transformando-se num talentoso advogado, grande orador, e general vitorioso. Ele ocupou sucessivamente as funções de Tribuno militar, Questor, Senador, Pontifex Maximus, Pretor, um dos Triúmviros (juntamente com Pompeu e Crasso), Procôncul das Gálias (cujo território aumentou consideravelmente, surgindo daqui o seu famoso texto *De Bello Gallico*, “Sobre a guerra das Gálias”), até ser proclamado Ditador, após ter tido desavenças com antigos aliados. Foi nesta ocasião que atravessou com seu exército o rio Rubicão, fronteira da Gália com a Itália, principiando uma guerra civil. Vem daqui a expressão “atravessar o rio Rubicão”, usada até hoje para assinalar um passo importante na carreira das pessoas. Naqueles tempos, atravessar as fronteiras do Império com exército equivalia a uma declaração de guerra.

Com a morte dos dois outros triúmviros, os filhos de Pompeu, Gnaeus e Sextus, chefiaram uma revolta na Espanha. César vai pessoalmente combatê-los, obtendo sobre eles uma vitória difícil, em 45 a.C. Aqui começa nosso texto, com sua tradução. Trata-se de uma amostra do *De Bello Hispaniensi* (“Sobre a guerra da Hispânia”), extraída de *Caesar: Alexandrian, African and Spanish Wars*. London: William Heinemann Ltd. / Cambridge: Harvard University Press, 1964, pp. 316-318.

<i>Caesar, cum ad flumen Baetim venisset neque propter altitudinem fluminis transire posset, lapidibus corbis plenos demisit; insuper ponit trabes; ita ponte facto copias ad castra tripartito traduxit. Tendebat adversum oppidum e regione pontis, ut supra scripsimus, tripartito. Huc cum Pompeius cum suis copiis venisset, ex adverso pari ratione castra</i>	<i>Quando César veio ao rio Betis e não pôde atravessá-lo por causa da profundidade da corrente, ele baixou (sobre a corrente) cestos cheios de pedras, pôs vigas sobre elas e assim fez uma ponte, pela qual ele fez passar suas tropas para o campo, dividido em três secções. Agora ele estava acampado contra a fortaleza na área da ponte, e seu</i>
--	---



*ponit. Caesar, ut eum ab oppido
commeatuque excluderet, bracchium ad
pontem ducere coepit: pari idem
condicione Pompeius facit.*

*campo estava dividido em três, conforme
escrevemos acima. Quando Pompeu
chegou com suas tropas, ele as dispôs
segundo o mesmo princípio do campo
oposto. Para separá-lo da fortaleza e dos
abastecimentos, César começou a
organizar uma linha de fortificações para
a ponte: e Pompeu adotou as mesmas
condições.*

Mesmo que você não saiba Latim, pode verificar que se trata de uma língua muito sintética, que diz muitas coisas com poucas palavras, bastando para isso comparar a extensão do texto latino ao da sua tradução para o português.

Com a queda do Império Romano no séc. V d.C, a modalidade culta do Latim sobreviveu no Latim Eclesiástico, usado pela Igreja Católica, e na Idade Média pelo Latim Medieval, usado pelas chancelarias e pelos cientistas. Esta variedade também foi chamada “Latim Bárbaro”, porque era usada por não-romanos: *bárbaro* é uma palavra grega que quer dizer “aquele que balbucia”, portanto, “estrangeiro”.

Como você viu no esquema anterior, o Latim culto escrito ultrapassaria a Idade Média, chegando até ao séc. XVIII como a língua da ciência, da filosofia e das artes, convivendo curiosamente com as línguas-filhas de sua variedade popular!

O Latim culto escrito se transformou numa língua internacional, tendo sido utilizada pelos cientistas e pelos filósofos, como Roger Bacon (inglês), Dante Alighieri (italiano), Erasmo de Roterdã (holandês), Nicolau Copérnico (polonês), e muitos outros.

A Questão da Língua – que já tinha sido levantada no séc. XVI quando se escreveram as primeiras gramáticas do Português, e se defendia a importância das línguas românicas em face do Latim – volta a aparecer no séc. XVIII, quando se discutiu a conveniência de escrever também os textos científicos nas línguas nacionais.



Nicolau Copérnico (1473-1543), latinização de seu nome polonês Nikolaj Kopernik, é considerado o fundador da Astronomia moderna. Foi clérigo, e produziu estudos ao longo de 30 anos, recolhendo-os no volume *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, “Sobre os movimentos do orbe celeste”, publicado em 1543 graças à insistência de um jovem discípulo. Retomando idéias de gregos do séc. III a.C., ele sustentou com demonstrações matemáticas que a terra gira todos os dias em seu eixo, dando uma volta redor do sol pelo período de um ano. Não precisa dizer que levou um tremendo cala-a-boca da Igreja, que sustentava ser a terra o centro do universo. Giordano Bruno, que aderiu à teoria heliocêntrica de Copérnico, levou a pior, tendo sido queimado vivo onde hoje é a Piazza Campo dei Fiore, em Roma.

Leia este trecho do grande astrônomo, retirada de Nicolaus Copernicus - *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, Cap. I., texto retirado da reprodução facsilmilar da primeira edição, de 1543, com uma introdução escrita pelo Professor Johannes Muller. O livro foi publicado em Leipzig / New York / London pela Johnson Reprint Corporation, 1965:

Quod mundus sit sphericus. Principio advertendum nobis est, globosum esse mundum, sive quod ipsa forma perfectissima sit omnium, nulla indigens compagine, tota integra: sive quod ipsa capacissima sit figurarum, quae comprahensurum omnia, et conservaturum maxima decet: sive etiam quod absolutissimae quaeque mundi partes, solem dico, Lunam et stellas, tali forma conspiciantur: sive quod hac universa appetat terminari, quod in aquae guttis caeterisque liquidis corporibus apparet, dum per se terminari cupiunt. Quo minus talem formam coelestibus corporibus attributam quisquam dubitaverit.

O mundo é esférico. No começo devemos advertir que o mundo tem a forma de um globo, e esta figura é a mais perfeita de todas, e é um todo íntegro e não precisa de juntas; ou porque esta figura é aquela que tem o maior volume e portanto é perfeitamente adequada para o que se irá compreender, e conserva todas as coisas; ou mesmo por que as partes separadas do mundo, isto é, o sol, a lua e as estrelas são vistas nessa forma, ou por que tudo no mundo tende a ser delimitado por essa forma, e é patente no caso das gotas d'água e outros corpos líquidos, quando se tornam delimitados por eles mesmos. E portanto ninguém deve duvidar ao dizer que esta forma pertence aos corpos celestiais.

Entendeu agora por que tantos nomes científicos provêm do Latim? Eis aqui alguns deles: *fêmur, tibia, tórax, útero, herpes, duodeno, placebo, vírus, placenta*, etc.

Para verificar a forte presença das palavras latinas na linguagem científica, coleccione outros termos adotados pela Biologia, Matemática, Economia, Linguística etc. Seu trabalho ficará mais interessante se você consultar um glossário de terminologia científica qualquer (Medicina, Direito, etc.), buscando depois o sentido dessas palavras num dicionário de Latim.

O Latim Vulgar, como já foi dito, deu origem às línguas românicas: o Galego, o Português, o Castelhana, o Catalão, o Francês, o Italiano e o Romeno – para ficar nas mais conhecidas. É importante, portanto, conhecer melhor o Latim Vulgar. Ele deriva diretamente da fala arcaica de Roma, época em que o futuro império não passava de um povo de agricultores, estabelecidos em povoados situados na região do Lácio, nos pântanos do vale do Tibre. Dois vizinhos poderosos cercavam os primeiros romanos: os etruscos ao norte e os gregos ao sul. Esses vizinhos viriam a ser neutralizados pelos Latinos já na passagem do período da Roma Antiga para a Roma republicana.

Ninguém poderia imaginar que os rústicos Latinos dariam origem a um dos mais formidáveis impérios do mundo, que duraria mil anos, alterando profundamente os destinos da Europa, e mesmo posteriormente, das novas terras descobertas na América. O Latim acompanhou o sucesso dos Latinos – e se hoje, no Brasil, falamos uma língua latina, isso se deve indiretamente às transformações que eles trouxeram ao mundo.

Muitas palavras latino-vulgares, faladas por esses fundadores do Império, atestam sua origem humilde e rural, como se pode ver no Quadro abaixo:

Origem rural das palavras do Latim Vulgar



LATIM	PORTUGUÊS	SENTIDO ORIGINAL
Cernere	Discernir	“peneirar”
Delirare	Delirar	“sair do sulco” [o arado]
Pauper	Pobre	“terreno que produz pouco”
Legere	Ler	“colher as plantas”, donde <i>legume</i>
Luxus	Luxo	“planta que nasce em excesso”

A longa exposição da cultura romana à cultura grega fez que os romanos do sul, particularmente os comerciantes, fossem bilíngües, e disto resultou que muitas palavras gregas entraram no Latim, e conseqüentemente nas línguas românicas, como se vê pelo seguinte Quadro:

Palavras gregas incorporadas ao Latim

PALAVRAS GREGAS INCORPORADAS AO LATIM	PALAVRAS INCORPORADAS AO PORTUGUÊS E SEU SENTIDO ORIGINAL
Amphora	ânfora / “vasilha”
Bal(i)neum	Banho
Camera	Câmara / “teto abobadado”, “quarto”
Crapula	Crápula / “embriaguez”
Anchora	Âncora / “peça do navio”
Gubernare	Governar / “dirigir um navio”,
Castanea	Castanha
Oliva	Oliva
Oleum	Óleo
Poena	Pena / “resgate” [pagamento do]
Punire	Punir / “vingar”

Enquanto o Latim Culto escrito preservava uma extraordinária unicidade, que atravessou os séculos, o Latim Vulgar se dialetava ao longo do Império, anunciando sua transformação nas línguas românicas listadas no esquema que você viu.

Deve ficar claro, em suma, que as línguas românicas derivaram do Latim Vulgar, e não do Latim Culto Literário. De modo que não saia por aí dizendo que Português Popular dos falantes não-escolarizados é uma droga! De repente até, lá adiante, a Língua Brasileira poderá brotar do Português Popular. Essa variedade é apenas diferente. E ainda por cima, o Português derivou de uma modalidades popular do Latim. Duvida? Pois se você emparelhar as palavras latinas cultas às vulgares correspondentes, verá claramente que o Português ficou com estas:



Comparando o léxico do Latim Culto ao do Latim Vulgar e verificando as escolhas do Português

LATIM CULTO	LATIM VULGAR	PORTUGUÊS
Domus [de onde veio a palavra doméstico], aedes [de onde veio edícula], villa “residência”	Casa “choupana, casebre”	Casa, mesmo não sendo uma choupana
Aequor “mar”	Mare	Mar
Ager [agreste, agricultor]	Campus	Campo
Cruor [incruento] “sangue”	Sanguis	Sangue
Equus [equino] “cavalo”	Caballus	Cavalo
Sidus [espaço sideral] “estrela”	Stella	Estrela
Tellus [telúrico] “globo terrestre”	Terra	Terra
Vulnus [vulnerável] “ferida”	Plaga	Chaga
Potare [água potável] “beber”	Bibere	Beber
Pulcher [pulcritude] “bonito”	Bellus	Belo
Magnus “grande”	Grandis	Grande

Está claro, portanto, que o Latim levado aos quatro cantos do Império era o Latim Vulgar, falado pelos soldados, que se tornariam colonos após efetivada a conquista. Você sabia que as terras conquistadas eram com frequência doadas aos soldados romanos? Acho que agora você entendeu o “patriotismo” desses bravos soldados, que deixavam a família para trás e iam combater pela glória do Império Romano...

Pois até mesmo o glorioso Latim Vulgar não escapou ao fenômeno da variação. Inicialmente tratava-se de uma pequena variação geográfica, era a fase dos *falares*. Deve ter havido pequenas diferenças entre o Latim Vulgar de Roma, o da Ibéria, o das Gálias e o do Norte da África.

À medida que essa língua se espalhava pelo Império, as diferenciações naturais se aprofundaram, surgindo os *dialetos* sobre os quais se construíram as línguas românicas hoje conhecidas.

6. As línguas morrem?

Pois é verdade, as línguas nascem, podem dar origem a outras línguas, ou mesmo morrer.

Continuamos sem saber como nasceram todas as línguas do mundo, sobretudo naqueles casos em que não conseguimos identificar as “línguas-mãe”, tecnicamente conhecidas como protolínguas. Mas sabemos aproximadamente como elas morrem, o que ocorre por substituição de uma língua por outra, ou por desaparecimento da comunidade que a fala.

A substituição lingüística sobrevém após uma invasão muito devastadora por um povo de cultura material mais desenvolvida, suficientemente forte para desorganizar a cultura do povo invadido. Depois de algumas gerações, os hábitos culturais do invasor são progressivamente assimilados pelo povo invadido. Torna-se mais prático adotar a língua do outro, e assim as novas gerações deixam de usar a língua dos pais. Foi assim que desapareceram o Etrusco, na Itália, o Celta, as línguas germânicas e o árabe, que tiveram seus momentos de glória na Península Ibérica.

Em outras situações, a população minguava por razões econômicas, a emigração suplanta os nascimentos, e a sociedade em questão mais perde do que ganha indivíduos. Esta *causa mortis* está ligada à destruição da ecologia, provocada pela expansão dos negócios.

Nesse lance de línguas-defuntas, tornou-se bem conhecido o caso do Dalmático, língua românica falada no litoral adriático da Itália, cuja população foi eslavizada. Antônio Udina, falecido nos últimos anos do séc. XIX, foi o último falante do Dalmático, segundo Jordan / Manoliu (1972, vol. I, pág. 83). Nettle / Romaine (2000) trazem as fotos de outros cavalheiros que ao morrer levaram junto suas línguas. Esses autores informam que só na Austrália desapareceram quase todas as 250 línguas ali faladas, quando o inglês chegou, cheio de planos... Aqui no Brasil havia 220 línguas, e hoje devem ter sobrevivido umas 160, das quais foram descritas apenas 60! Portugueses, e atualmente os brasileiros, também tinham seus planos...

De todo modo, convém ficar esperto para o fato de que a morte de uma língua é de natureza social. As línguas não são como os corpos biológicos, que nascem,

multiplicam-se, envelhecem e morrem. Aí está o Basco, que se antecipou à chegada dos romanos na Península Ibérica, resistiu à chegada dos germanos e dos árabes, sem nunca morrer nem dar surgimento a outras línguas.

As línguas caracterizam as sociedades que as falam, e vivem enquanto essas sociedades mantêm sua cultura. Nenhuma língua morre de velhice. Mas sem dúvida, o desaparecimento de uma língua é um duro golpe à criatividade humana, tão complexas são elas, e tão reveladoras são elas sobre nossa natureza humana!

7. Bibliografia para aprofundamento

Para saber mais sobre as línguas do mundo, consulte Walter (1997) e Grimes (Ed. 1998).

Sobre o surgimento da língua portuguesa, leia Silva Neto (1952-1957/ 1979), Câmara Jr. (1972), Castro (1991), Mattos e Silva (1991, 1994).

Sobre a morte das línguas, leia Dixon (1997) e Nettle / Romaine (2000).

Sobre a morte das línguas indígenas brasileiras, leia Rodrigues (1993).

Para aprofundar seu entendimento de como o Latim Vulgar deu origem ao Português na Europa, e como este se mudou para o Brasil, leia os seguintes textos, disponibilizados neste Portal:

- Ataliba T. de Castilho, “Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?”
- Rosa Virgínia Mattos e Silva, “Como se estruturou a língua portuguesa?”
- Jânia Ramos e Renato Venâncio, “Premeditando o Português Brasileiro: como se formou a sociedade brasileira?”
- Ataliba T. de Castilho, “Formação do Português Brasileiro”
- Suzana Alice Marcelino Cardoso, “Falamos dialetos no Brasil?”

8. Glossário

Texto: Famílias lingüísticas

Filo - Não consta

Texto: As línguas do mundo derivam de uma só língua? (Link2)



- **Comparatistas - Não consta**
- Método histórico-comparativo - Ramo da Linguística voltado para a reconstrução de estágios linguísticos insuficientemente documentados, mediante a análise de indícios por eles deixados ou de suas línguas-filhas.

Texto: Mas como era mesmo o Latim? ([Link5](#))

- Dialeto - Variedade linguística* especificada por sua distribuição geográfica. O Português Brasileiro compreende dialetos do Norte (amazônico, paraense, amazônico), do Nordeste (pernambucano, bahiano), do Sudeste (caipira, carioca), do Centro-Oeste (cuiabano) e do Sudeste (paranaense, catarinense, gaúcho).

Inicialmente opunham-se os *falares*, variedades regionais de fácil intercompreensão, aos *dialeto*s, variedades regionais de difícil intercompreensão. Por essa distinção, o Brasil só dispõe de falares.

Recentemente, deixou-se de lado o termo *falar*, e *dialeto* se generalizou como termo indicador das variedades regionais assinaladas por diferentes graus de intercompreensão.

- **Padrão (norma lingüística) - Não consta**